

Economia - Brasil

Tendências

POLÍTICA ECONÔMICA

Sem aperto, Cardoso não controla moeda

Vendas do comércio, importação para consumo e números do BC mostram que a política é frouxa demais para conter inflação

ROLF KUNTZ

O novo ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, encontra a economia aquecida pela reação do consumo, com investimento baixo, inflação próxima de 30%, nenhum orçamento para valer e quase nenhum controle da moeda. No dia de sua posse, sexta-feira, o Banco Central (BC) divulgou números de abril: a expansão monetária continua a acompanhar passivamente a inflação, com alguns solavancos causados pelas crises no Palácio do Planalto: Crs 11 trilhões foram sacados do fundo, por pessoas com medo de alterações nas regras financeiras.

A seu favor o ministro tem dois fatores, por enquanto: a aceitação de seu nome por empresários e políticos e a previsão de inflação estável, entre 28% e 30%, pelo menos até junho. Os indicadores mais importantes ficarão nessa faixa, segundo conhecidos consultores, como o ex-ministro Mailson da Nóbrega. Mas ele terá de agir com rapidez para aproveitar o período de graça e impor sua política. Seu campo de ação pode ser balizado pelos seguintes dados:

■ **Varejo** — O consumo continua aquecido, embora o gasto da maioria das famílias "não seja nada extraordinário", como observa o diretor de Economia da Associação Comercial de São Paulo, Marcel Solimeo (ver tabela). O crescimento em relação a abril é normal, por causa do Dia das Mães. Mas o movimento do comércio permanece maior que o do ano passado, fato explicável, em parte, pela greve dos transportes em maio de 1992. A reação, de toda forma, é inegável, com os consumidores, agora, comprando produtos de valor unitário mais alto. Até o final do ano, as lojas quase só vendiam mercadorias mais simples e baratas. Segundo Solimeo e fontes de grandes lojas, passou a fase de reposição de estoques, um dos fatores de aquecimento da atividade e dos preços industriais no primeiro trimestre.

■ **Importações** — Os gastos com produtos importados têm crescido mais do que se previa (ler ao lado), puxados principalmente pelo consumo. Juros mais baixos e câmbio relativamente valorizado também podem estar estimulando a formação de estoques de importados.

Investimento ainda baixo

Produção e vendas da indústria de máquinas (em bilhões de dólares)

	1992	1993
Produção (jan-abr)	4,56	4,24
Vendas ao mercado		
interno (jan-mar)	2,93	2,52
Exportações (jan-mar)	0,50	0,59

Fonte: Abimaq

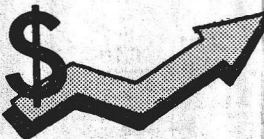


Melhora no consumo

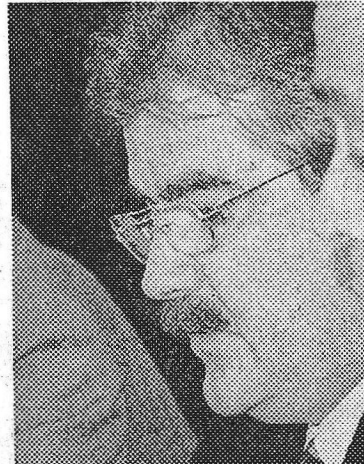
Consultas ao SPC e ao Telecheque (variação percentual) em maio, até dia 20

	Sobre maio 92	Sobre abril 93
SPC	4,0	12,0
Telecheque	9,5	4,8

Fonte: Associação Comercial de São Paulo



Julio Alcântara/AE



Magalhães

Poucas máquinas para o mercado interno

■ **Investimento** — A capacidade de produção não está aumentando, ou pelo menos não está crescendo de forma significativa. As vendas de máquinas e equipamentos no mercado interno, durante o primeiro trimestre, foram menores que as de um ano antes, segundo o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas (Abimaq), Sérgio Magalhães (ver tabela). Não se está criando, portanto, capacidade para crescimento econômico sustentável. Se houver alguma reação, só será mais perceptível dentro de algum tempo.

■ **Moeda** — A criação de moeda continua a ser, no jargão dos economistas, inteiramente passiva. Os chamados agregados monetários (dinheiro em poder do público, depósitos à vista, depósitos de poupança, aplicações em títulos privados e em papéis do governo) continuam crescendo no ritmo da inflação. O conjunto desses ativos, conhecido como M4, aumentou 28% no mês passado. No Brasil, esse é o conceito mais adequado para se avaliar a expansão da moeda, porque a maioria das aplicações é de curto prazo e facilmente conversível em dinheiro vivo.

O dinheiro vivo propriamente dito, formado pela moeda em poder das pessoas e pelos depósitos à vista, cresceu ainda mais: 36%. Isso se explica, em boa parte, pelos saques do fundo, resultantes da reação provocada pela política de sustos.

Uma política ativa exige um controle severo das contas públicas. Foi o que prometeu o ministro Fernando Henrique Cardoso. Falta saber onde serão os cortes.